



Fundação Universidade Federal do ABC

Pró reitoria de pesquisa

Av. dos Estados, 5001, Santa Terezinha, Santo André/SP, CEP 09210-580

Bloco L, 3ºAndar, Fone (11) 3356-7617

iniciacao@ufabc.edu.br

Projeto de Iniciação Científica submetido  
para avaliação no Edital: 04/2022

**Título do projeto: O conceito de trabalho diante da indagação filosófica de Herbert Marcuse.**

**Palavras-chave do projeto: Herbert Marcuse, ontologia, marxismo, conceito de trabalho, economia.**

**Área do conhecimento do projeto: Ciências Humanas, Filosofia.**

## Sumário

1 Resumo	2
2 Introdução e Justificativa	3
3 Objetivos	13
4 Metodologia	13
5 Viabilidade	14
6 Cronograma de atividades	14
Referências	15

## 1 Resumo

O presente projeto, busca investigar à luz do pensamento do teórico crítico Herbert Marcuse as fundamentações do conceito de trabalho no conjunto da existência humana. Trata-se de uma questão difícil quando, do ponto de vista marxista, consideramos tanto o papel social que o trabalho desempenha na constituição da vida social, mas também como este papel se efetiva como forma alienada de vida no capitalismo. Sob essa duplicidade do conceito de trabalho, nossa questão central é: o trabalho é alienante e libertador ao mesmo tempo? Para responder nossa pesquisa, abordaremos o ensaio de Herbert Marcuse, *Sobre os fundamentos filosóficos do conceito de trabalho da ciência econômica* (1933), incluído no primeiro período da obra do filósofo. No ensaio, Marcuse problematiza uma perspectiva generalista do trabalho nas ciências econômicas. Para o autor, o contraponto à visão generalista da economia sobre o trabalho, que abstrai o conceito ao articulá-lo em diversas dimensões da esfera econômica (da produção de valor à ordem dos preços) estaria na fundamentação filosófica e recorre a Hegel e Marx para fundamentar este conceito. Além disso, Marcuse analisa o conceito dentro do contexto da existência humana recorrendo aos seus estudos ontológicos orientados por Martin Heidegger, movimento que aprofunda com a posterior descoberta e publicação dos *Manuscritos econômico-filosóficos* de Karl Marx, o autor aproxima-se do pensamento marxista para delinear sua busca pelo conceito. Espera-se, com o presente projeto, discutir os fundamentos do trabalho investigados por Marcuse naquele período, evidenciando as articulações críticas entre economia e filosofia central para nossa investigação.

## 2 Introdução e Justificativa

O presente projeto busca desvendar o viés do conceito de trabalho, sob a perspectiva do teórico crítico alemão Herbert Marcuse (1898-1979), pertencente à chamada Escola de Frankfurt<sup>1</sup>. O teórico crítico, ficou muito conhecido na sociedade estadunidense, principalmente durante as décadas de 1960-1970 devido a sua contribuição para o movimento estudantil, num período marcado por grandes mobilizações e conflitos que envolviam questões e discussões sobre: liberdade, democracia, emancipação, dentre outras. Fatos que tornam relevantes as discussões da obra de Marcuse na atualidade. Apesar disso, as obras do teórico crítico passaram quase despercebidas durante as últimas décadas do século passado entre os grandes teóricos da Escola de Frankfurt, mas tomam novos rumos diante das hodiernas questões acerca da cultura e do desenvolvimento da sociedade ocidental, pois englobam diversos temas da Teoria Crítica (OLIVEIRA, 2012).

De um modo geral, o conceito de trabalho já havia sido debatido anteriormente por muitos filósofos e teóricos sociais como Georg Hegel, Karl Marx e Max Weber e, permaneceu tema fundamental durante todo o processo de desenvolvimento do sistema capitalista, retomando destaque diante dos novos desdobramentos, principalmente no século XX, à luz das ideias marcuseanas.

Como forma de desvendar o conceito, Marcuse esboça suas ideias no ensaio *Sobre os fundamentos filosóficos do conceito de trabalho na ciência econômica*<sup>2</sup> (1933), texto do período de juventude do autor e central para o presente projeto, embasando toda a pesquisa e questionamentos aqui propostos.

Com base neste ensaio, acompanharemos aqui os principais pontos e questões propostas por Marcuse em sua empreitada em busca da conceituação do trabalho. O teórico crítico busca conceituar o trabalho partindo da perspectiva da ciência econômica. No entanto, encontra um conceito de trabalho generalista e difuso<sup>3</sup>, denotando uma

---

<sup>1</sup> O Instituto de Pesquisa Social (*Institut für Sozialforschung*) foi fundado em 1923 associado à Universidade de Frankfurt, cujo objetivo seria debater uma nova teoria crítica da sociedade. Os expoentes do mesmo tornaram-se notoriamente conhecidos como membros da Escola de Frankfurt (OLIVEIRA, 2012).

<sup>2</sup> Artigo presente no livro: MARCUSE, Herbert. *Cultura e Sociedade*, vol. II. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

<sup>3</sup> Marcuse recorda que a ciência econômica de seu tempo alinhava o trabalho como conceito fundamental de diversas doutrinas (valor e preço, fatores de produção e custos), o que renderia uma centralidade difusa do conceito e, por conseguinte, uma abstração de uma “determinação definitiva” do conceito “geral” de trabalho. Com isso, indica a necessidade de constituir um

necessidade até mesmo para as ciências humanas de um conceito geral de trabalho capaz de absorver seu real significado. Assim, expressa a necessidade da explicação do conceito e busca bases filosóficas para tal: inicialmente, na ontologia de Martin Heidegger, seguindo, posteriormente, pela abordagem marxista a partir da leitura dos *Manuscritos econômico-filosóficos* de Karl Marx. Obra que se torna pedra fundamental no pensamento marcuseano posterior.

A conceituação do trabalho parte do questionamento de Marcuse acerca da relação entre homem-natureza, e principalmente após a leitura dos *Manuscritos econômico-filosóficos*, nosso autor reconsidera uma aproximação marxista do tema. De acordo com Marcuse (2005), há três pontos fundamentais na obra de Marx que podem levar à conceituação e ao entendimento do conceito de trabalho: a essência humana, a alienação e a liberdade. Assim, enquanto parte constitutiva da essência humana, haveria um metabolismo entre a natureza e os seres humanos, levando a disposição da natureza ao homem, ou seja, poderia-se criar a partir disso um mundo que pudesse satisfazer as próprias vontades humanas. Já o estranhamento poderia revelar as faces ocultas do trabalho, principalmente no que impera a propriedade privada, descrevendo a condição de vida das sociedades modernas, relacionadas à alienação. Além disso, Marx também enxergava no trabalho a possibilidade de emancipação, relacionando-se diretamente à noção de liberdade, com a superação do estranhamento e a realização da essência humana. Os conceitos pactuam de forma fundamental o sentido da história humana no pensamento marxista (FARIAS, 2010).

Assim, Marcuse em busca da conceituação do trabalho, deteve-se através de seus estudos de Marx (e suas bases hegelianas<sup>4</sup>) e sob a influência da ontologia de Martin Heidegger uma base de sustentação para a análise do conceito de trabalho. Douglas Kellner (1984, p. 88), um dos estudiosos das obras de Marcuse, discorre que “*o ensaio sobre o conceito de trabalho tem uma curiosa posição na obra de Marcuse. É a culminação da primeira tentativa de Marcuse de desenvolver uma síntese entre Marxismo e filosofia burguesa*”. De modo análogo com o procedimento de Marx ao articular os socialistas utópicos franceses à filosofia burguesa hegeliana para desenvolver

---

campo conceitual que ao mesmo tempo pudesse operar a centralidade do conceito de trabalho e evitar uma abstração difusa do conceito (MARCUSE, 1998, p. 7-8)

<sup>4</sup> Nesse sentido, é interessante notar a filosofia hegeliana como a possibilidade de diálogo entre Marx e Heidegger, diálogo que se apresenta de maneira sutil na tese que Marcuse desenvolve sob a supervisão de Heidegger (MARCUSE, 1987; CARNEIRO, 2008).

sua crítica à economia política, Marcuse desenvolveria pois uma articulação entre Marx e Heidegger para desenvolver sua crítica ao conceito econômico do trabalho.

Mas por que esse desvio pela filosofia? Em busca de uma análise do conceito de trabalho, Marcuse aponta que ao tomar o conceito, partindo da ciência econômica, ignora-se de certa forma as “*decisões acerca da localização, do sentido e da função do trabalho no conjunto da existência humana*” (MARCUSE, 1998, p. 7). Por isso, seria necessário partir em busca da conceituação generalista do trabalho, partindo de outros campos e principalmente do questionamento filosófico. Pois, o teórico crítico afirma que o trabalho se apresenta como último fator dentro das principais problemáticas da teoria econômica, ou seja, entre a doutrina do valor e do preço, a doutrina dos fatores de produção e a doutrina dos custos. Marcuse, em vista disso, aponta que por ser um conceito de confluência entre as doutrinas, apresentaria falhas e a falta de um conceito geral de trabalho começa a fazer falta a partir daí<sup>5</sup>. Assim, a crítica de Marcuse ao conceito de trabalho na ciência econômica, parte da necessidade da busca do conceito geral de trabalho. Ou seja, o conceito na economia estaria intrinsecamente ligado aos modos de produção capitalista, não explicitando os próprios limites deste conceito econômico, como sugere Marx (2004) ao contrapor o conceito de trabalho alienado ao lugar do trabalho na existência humana.

O problema se acirra, diante das apreensões da “*própria essência do trabalho*” (MARCUSE, 1998, p.8), pois atividades como de artistas, pesquisadores e sacerdotes, dentre outras, seriam trabalho mas num sentido incerto, dado que o trabalho derivaria de uma “*atividade dirigida, não-livre (cujo modelo conceitual é o trabalho do trabalhador assalariado)*” (MARCUSE, 1998, p. 8).

Diante dessa problemática, Marcuse (p. 8-9) busca também na teoria social a conceituação de trabalho. Como a concepção de Max Weber, que consideraria trabalho apenas como algo “*planejado e orientado por planos*”, ou a visão de Friedrich von Gottl que concebia o trabalho como uma contraposição a toda “*ação efetiva de criação*”<sup>6</sup>. Mas aqui, também diante dessa diversidade de definições, Marcuse apresenta o questionamento:

---

<sup>5</sup> Um dos grandes questionamentos do projeto é a busca por essa conceituação generalista que Marcuse propõe ao trabalho, levando em conta a amplitude do conceito e suas várias facetas nos diversos questionamentos filosóficos.

<sup>6</sup> Por exemplo, a atividade do empresário seria um exemplo de contraposição ao trabalho, de modo que essa seria uma “*performance de ocupação temporal ao alcance de qualquer um*”, demonstrando dessa maneira, uma própria cisão no conceito econômico de trabalho.

Com que direito a atividade econômica é considerada trabalho em seu sentido próprio? Como se comporta a atividade econômica em relação às outras atividades tendo em vista a totalidade da existência humana?” (MARCUSE, 1998, p.8).

Ora, para justificar sua busca pela conceituação geral do trabalho, o autor propõe que *“Todas essas questões a nosso ver só podem ser esclarecidas por uma discussão filosófica da fundamentação do conceito de trabalho”* (MARCUSE, 1998, p.8). Fato que engendra a importância da conceituação geral do trabalho e motiva pesquisas como a aqui proposta.

Ao tomar a ideia de dualidade marxista do conceito de trabalho como alienante e libertador<sup>7</sup>, Marcuse percorre vários caminhos, indo além da conceituação da ciência econômica, fator que leva o teórico a buscar respostas na ontologia, ou seja, a relação do trabalho na existência humana e após a leitura das obras de Marx, em contraposição, busca desvendar as características ocultas do conceito que só poderiam transparecer com base no questionamento filosófico, tal como a alienação. Demonstrando claramente a amplitude do conceito e a necessidade de fazer essa busca em várias esferas das ciências. Marcuse tenta fazer, assim, uma articulação entre a filosofia existencial-concreta e o marxismo.<sup>8</sup> É importante destacar que o teórico crítico, a partir das leituras das obras de Marx, inicia um rompimento com filosofia concreta e o idealismo ontológico de

---

<sup>7</sup> O filósofo parte dessa dualidade da concepção do trabalho no seu artigo “Novas fontes para o materialismo histórico” (1932), de acordo com Marcuse (2005, p. 103-104): [...] *“a determinação [Bestimmung] de Marx retorna ao seu ponto de partida: o conceito básico de “trabalho”. Agora está claro até que ponto era certo negociar com o trabalho como categoria ontológica. Quanto ao homem, através da criação, tratamento e apropriação do mundo objetivo, dá a si mesmo sua própria realidade, e na medida em que sua “relação com o objeto” é a “manifestação de realidade humana”, o trabalho é a verdadeira expressão da liberdade humana. O homem se torna livre em seu trabalho. Ele se realiza livremente no objeto de seu trabalho: “Quando, para o homem na sociedade, o mundo objetivo em toda parte torna-se o mundo do homem poderes essenciais – a realidade humana e, por essa razão, a realidade de sua própria poderes essenciais —... todos os objetos se tornam para ele a objetivação de si mesmo, tornam-se objetos que confirmam e realizam sua individualidade, tornam-se seus objetos; isto é, o próprio homem se torna o objeto”*. Já em relação à alienação: *“O fato a partir do qual a crítica e a interpretação partiram foi a alienação e estranhamento da essência humana como expresso na alienação e estranhamento do trabalho e, portanto, a situação do homem na história facticidade do capitalismo. Este fato aparece como a total inversão e ocultação do que a crítica havia definido como a essência do homem e do trabalho humano. Trabalho não é “atividade livre” ou a auto-realização universal e livre do homem, mas sua escravidão e perda da realidade. O trabalhador não é o homem na totalidade de sua expressão da vida, mas algo não essencial [ein Unwesen], o puramente físico objeto de atividade ‘abstrata’*”.

<sup>8</sup> Nesse sentido, o ensaio que investigamos apresenta conexões com outro texto de Marcuse do mesmo período e que procura justamente articular as bases da fenomenologia heideggeriana com Marx, “Contribuições para uma fenomenologia do materialismo histórico” (MARCUSE, 2005).

Heidegger, embora não de forma evidente à época, como podemos observar no artigo aqui destrinchado.

Diante dessa perspectiva, o teórico busca em seus estudos ontológicos, orientados por Martin Heidegger, principalmente fundamentados na obra *Ser e Tempo* (1927), as respostas dos questionamentos acerca do conceito de trabalho. O estímulo de Marcuse é demonstrar o conceito como ontológico, ou seja, sendo esse “*o ser da própria existência humana como tal*” (MARCUSE, 1998, p. 10). Aqui podemos evidenciar a proposta da pesquisa, como o trabalho pode ter o duplo caráter alienante e libertador no conjunto da existência humana? As concepções ontológicas poderiam de fato responder os questionamentos? A amplitude do conceito poderia ser respondida nas bases do lugar do *Ser* no mundo? O caminho percorrido por Marcuse em seu ensaio pode evidenciar a necessidade de seguir outro caminho além da ontologia, ao considerar as contribuições dos *Manuscritos* de Marx.<sup>9</sup>

Nessa empreitada em busca de respostas, o autor se baseará nas obras de diversos teóricos como Hegel, sendo que este teria proposto o “*pensamento radical acerca da essência do trabalho e seu desdobramento até as esferas concretas da existência histórica*” (MARCUSE, 1998, p. 11) e Marx que teria desenvolvido ainda mais a base hegeliana, além de Lorenz von Stein que trabalhou o desenvolvimento da ordem social a partir da essência do trabalho. Diante da referência desses três autores, nosso filósofo buscará desvendar o conceito de trabalho.

Ao retomar brevemente o conceito de trabalho na ciência econômica, Marcuse demonstra que além de uma “*atividade humana determinada*” essa teria finalidade, objetivo e resultado. Diante dessa questão, Marcuse apresenta algumas restrições, pois os conceitos de trabalho filosoficamente fundamentados pela ontologia não apresentam

---

<sup>9</sup> Conforme Douglas Kellner (1984), quando os *Manuscritos econômico-filosóficos* de Marx (originalmente redigido em 1844) foram publicados em 1932, Marcuse teve a oportunidade de redigir uma das primeiras análises críticas do documento. Trata-se do ensaio “Novas fontes para os fundamentos do materialismo histórico” (1932). Anos depois, em entrevista com Habermas, Marcuse comenta: “O que aconteceu diante do fracasso da revolução [República de Weimar] (...) A filosofia era então objeto importante de ensino, a cena acadêmica estava dominada pelo neokantismo, neohegelianismo e, logo apareceu o *Ser e Tempo* como uma filosofia realmente concreta, Ali se fala do ‘*Dasein*’, da ‘existência’, do ‘homem’, da ‘morte’, da ‘angústia’. Isso parecia-nos que ia bem. Durou aproximadamente até 1932. Então nos demos conta pouco a pouco - e falo no plural porque de fato não foi um processo individual - de que essa concretude era bastante equivocada. (...) Durante todo este tempo eu havia lido Marx e continuei a ler Marx. Então, veio a publicação dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. Aquilo foi provavelmente a reviravolta. Neles havia de certo modo um novo Marx que era realmente concreto e que, ao mesmo tempo, ia mais além do petrificado marxismo prático e teórico dos partidos. A partir daí, o problema de Heidegger *versus* Marx deixou de ser um problema para mim.” (MARCUSE *apud* HABERMAS et al, 1980, p, 13).

qualquer menção ao trabalho como uma atividade determinada. Pode-se exemplificar, diante da perspectiva marcuseana como Hegel compreende o trabalho, como o “*fazer (Tun) – e não atividade (Aktivität)*” e como Lorenz von Stein empreende o conceito de trabalho como:

[...] qualquer modo a efetivação de sua determinação infinita posta por meio da personalidade individual”, em que a personalidade se “apropria do conteúdo do mundo exterior, obrigando-o por esse modo a se tornar uma parte de seu próprio mundo interior” (MARCUSE, 1998, p. 12)

E, por fim, chegando a concepção de Marx em continuidade com a visão de Hegel, é possível a Marcuse afirmar que o trabalho “*é o tornar-se-para-si (Fürsichwerden) do homem no âmbito da exteriorização (Entäusserung) ou como homem exteriorizado*”, o “*ato de autoelaboração ou de auto-objetivação do homem*” (MARCUSE, 1998, p. 12). Estes dois conceitos acabam se mostrando abstratos na visão da economia política se comparados aos desenvolvidos na obra *O Capital* (1867) de Marx, que tomaram maior amplitude na figura do trabalho útil em uma determinação mais apropriada.

Marcuse até então utilizava-se da tradição filosófica para a abordagem do conceito de trabalho, demonstrando as diferenças frente à teoria econômica, para a qual o trabalho toma forma como atividade determinada e dirigida. Nosso filósofo, diferentemente, busca demonstrar o conceito, para além disso, como um “*acontecimento fundamental da existência (Dasein) humana, como um acontecimento que domina permanente e continuamente todo o Ser do homem, em que simultaneamente acontece algo com o ‘mundo’ do homem*” (MARCUSE, 1998, p. 13). Até esse momento Marcuse esclarece o trabalho como:

[...] fazer do homem como o modo de seu ser no mundo: mediante o qual ele se torna “para si” o que ele é, voltando-se para si mesmo, adquire a “forma” de seu “ser-aí” (Da-sein), de seu “permanecer” e simultaneamente torna o mundo “seu”. O trabalho aqui não é determinado pelo modo de seus objetos, não mediante sua finalidade, conteúdo, resultado etc, mas mediante aquilo que acontece com a existência humana ela própria no trabalho. (MARCUSE, 1998, p. 13)

É possível apontar, com isso, que o trabalho é um movimento necessário para a existência humana em conjunto com a objetividade, diante perspectiva de fundamentação filosófica, de modo que o “*homem se ‘objetiva’ e o objeto se torna ‘seu’, humano*”, pois somente através do trabalho na objetividade, a existência humana pode “*de fato se tornar ‘para si’, chegar a si mesma*”. Algo que Marcuse fundamenta na busca da conceituação



no dicionário *Grimm*, sendo o conceito de trabalho visto como: o trabalhar, o trabalhado e o ser trabalhado.

Diante desta concepção múltipla de trabalho, atravessando diversos níveis de pensamento (da economia à filosofia) destacamos com Marcuse a duplicidade constante do trabalho entre alienação e liberdade em seu ensaio. A alienação resulta no processo de objetificação do *Ser*, momento de sua plena realização como aponta Feenberg (2005):

Aqui a atividade de fazer um mundo assume a forma literal no conceito de trabalho como objetificação desenvolvida na Fenomenologia. Desejo e trabalho são formas de atividade na qual a vida manifesta a si mesma e a seu mundo. Os conteúdos intrínsecos do si são objetificados no mundo através do trabalho. A vida então é um processo concreto de revelação, a mais elevada e plena revelação. É através do trabalho que a coisidade alcança sua plena realização. O objeto como barreira indiferente, como o outro 'negativo' da vida, é superado. (FEENBERG, 2005, p. 62)

Em vista disso, Marcuse faz um contraponto ao trabalho, através do jogo. A objetividade do jogo torna-se diferente do trabalho, pois assume um sentido distinto: o jogo não se orienta pelo *fazer* ou mesmo pelas leis imanentes, mas a exigência da “coisa”, dessa forma, seria suprimido o objetivo da própria objetividade, ou seja, diferente do trabalho - o jogo dispõe a livre vontade do homem, dispondo-se de “*livre e espontânea vontade: as ‘regras’ do jogo*” (MARCUSE, 1998, p. 15). De modo que a objetividade torna-se sem efeito, pois “*faz com os objetos tudo o que quer, se impõe a eles, ‘liberta-se’ dos objetos neles mesmos*” (MARCUSE, 1998, p.15). O filósofo, chega a conclusão que o jogo é uma espécie de estado provisório. Diante do qual Marcuse caracteriza o trabalho como algo permanente e contínuo, o *fazer* do trabalho. O jogo também pode ser caracterizado como ócio, conforme as perspectivas de Aristóteles<sup>10</sup>, ou seja, a relação entre jogo e trabalho, sendo essa o ócio e o não-ócio respectivamente.

Porém, Marcuse discute que o trabalho é anterior ao jogo, caracterizando através de Aristóteles que “*o jogo não constitui em si mesmo telos*”. O jogo não se faz em vistas de algo fora de suas próprias regras, ao contrário do trabalho, cuja objetificação permite transformar o objeto de trabalho, mas também a força de trabalho, em algo externo, alienado, como a mercadoria. Partindo disso, o filósofo expõe que há três características do trabalho observadas a partir do jogo: a continuidade, a permanência e a pena. Essas remeteriam ao indivíduo diante do conjunto de sua existência, não podendo o trabalho ser

---

<sup>10</sup> Marcuse remete aqui as obras *Ética a Nicômaco*, 1176 b,33 e *Política*, 1339, b16 ambas de Aristóteles.

praticado de forma singular. Dessa maneira “*corresponde a essa tarefa um contínuo estar-trabalhando e estar-no-trabalho, uma disposição e um tensionamento de toda a existência nos termos do trabalho*” (MARCUSE, 1998, p.17). Evidenciando novamente a proposta de nossa pesquisa sobre o conceito de trabalho como alienante e libertador, o jogo liberta o indivíduo do caráter penoso do trabalho.

Além disso, o trabalho pode ser observado como permanência, segundo Marcuse, o *fazer* é um acontecer geral, e ocupando-se de um acontecer geral, pode-se chegar a algo além do individual que possibilita a continuidade. Assim, a permanência e continuidade constituem o trabalho como um *fazer geral*. Sendo que o jogo, não poderia levar a essa objetivação, pois este leva a um *fazer* consigo mesmo, não resultando nem constituindo algo além de si mesmo. Já o trabalho como *fazer* contínuo leva permanência ao objeto e ao trabalhador. Assim, como apresenta Ramponi (2017):

[...] o trabalho não configura um fim em si mesmo, uma vez que é negatividade, quer dizer, é um fazer que orienta-se pelo que não existe: trabalha-se justamente para conferir objetividade a seu objeto, esse algo que ainda não existe. O trabalhar é fazer baseado na imperfeição do objeto a ser trabalhado, visando a manutenção ou desenvolvimento das condições de existência, o próprio ser dos homens que permanece continuamente como objeto do trabalho, bem como seu objetivo permanece exterior ao processo. Em outras palavras, o trabalho tem como objetivo, ainda que seja decomposto em processos individuais, a própria existência humana, e portanto não se coloca fora dela. Porém, exatamente por isso, avista um acontecer geral que transcende a particularidade, ao passo, então, que desloca seu objetivo para além de sua circunscrição individual, e aí assume um objetivo exterior a seu modo de acontecer. (RAMPONI, 2017, p. 65)

Chegando à questão sobre o sentido e a função do trabalho, o ser humano *faz* sua existência no mundo, diferente dos animais que simplesmente deixam acontecer seguindo o “*sancionado biologicamente*”. Decerto a existência humana necessita de um *telos* da “*tarefa a ser cumprida*”, porém, o *fazer acontecer* aparece como uma pena, de forma imposta aos indivíduos. Embasando novamente a dualidade entre o reino da alienação e liberdade, o impedimento estruturado do trabalho quanto ao *deixar acontecer* (do jogo) é formulado pelos conceitos de produção e reprodução. Mas estes conceitos não tomam a forma econômica, para Marcuse, mas sim assumem um significado existencial, de forma que nosso autor enxergaria em ambos na produção e na reprodução o “*fazer-acontecer da existência humana como um todo; apropriação, superação, transformação e continuação de toda a existência em todas as suas esferas vitais, seja da situação imediatamente preexistente do ‘mundo’, seja da própria existência nela – um trazer-*

*perante-si e um trazer-para-fora e trazer-adiante”* (MARCUSE, 1998, p. 19-20). A característica alienante do trabalho se apresenta aqui conforme aponta Ramponi (2017, p. 29)

Marcuse se propõe a combinar o marxismo, teoria que fundamentaria os processos pelos quais ocorrem a desumanização e alienação humanas, e a fenomenologia, que seria responsável por conceber o ser humano não alienado.

Ou seja, essa contraposição entre alienação e liberdade a partir do contraponto fenomenológico à ciência econômica percorre o pensamento de Marcuse na combinação das duas concepções filosóficas (marxista e ontológico-heideggeriana) em sua análise do trabalho.

Para Marx (2004), a alienação não coincidia como objetivação, mas se constituía como um fenômeno particular dentro de uma forma precisa de economia, levando ao estranhamento, ou seja, entre o trabalho assalariado e a transformação dos produtos do trabalho em objetos opostos aos produtores. Enquanto Hegel, antagonicamente, apresentava a alienação como manifestação ontológica do trabalho. Já Marx a concebia como característica particular da produção capitalista. Heidegger também divergia da concepção marxista, ao considerar a alienação em termos puramente filosóficos. Em *Ser e Tempo* (1927), Heidegger se utilizou da teoria da fenomenologia da alienação como “queda” (*Verfallen*), ou seja, a perda da existência humana ou do lugar do *Ser* no mundo (MUSTO, 2021).

Diante da já explicitada concepção do trabalho como movimento do objeto frente ao sujeito, objetivando-se o sujeito e passando a fazer parte do mundo através do objeto, não se forma o sujeito através do próprio trabalho. Demonstrando um modo consciente do *fazer*, diante de sua finalidade. Assim, Marcuse apresenta que o trabalho é um “*fazer consciente mediato, nessa produção e reprodução permanente da existência humana*” (MARCUSE, 1998, p. 20). Partindo disso, o filósofo consegue apontar quando o conceito movimentou-se para a ciência econômica, pois o

acontecer da existência humana é trabalho, porque o mundo, tal como o homem o encontra dado, nunca é suficiente para satisfazer as suas ‘necessidades’ (*Bedürfnisse*), de modo que ele necessita de realizações permanentes para poder viver neste mundo (vestimentas, alimentação, habitação, instrumentos etc.) (MARCUSE, 1998, p. 20).

Assim, o *fazer* dos homens estaria orientado à satisfação das necessidades, no âmbito econômico. Marcuse ao expor essa concepção aproxima-se do conceito da economia, assim: o sujeito do trabalho, ou seja, o objeto como meio de satisfação das

necessidades humanas, delimitaria o conceito na ciência econômica, tomando o homem na dimensão natural-orgânica, fundamentando o trabalho ao “*mundo material dos bens*” (MARCUSE, 1998, p. 22).

Diante dessas disposições, o teórico enxerga como fator essencial tratar o *Ser* como *Ser histórico*, levando-o a pensar o trabalho em sua categoria histórica. Na ciência econômica, a teoria das necessidades foi duramente criticada, levando a teoria “ao abastecimento da demanda”, tornando a “demanda” como a plenitude do *ser*. Sendo essa uma “*recondução da ação econômica ao acontecer da existência humana*” (MARCUSE, 1998, p. 23).

Diante dessa condição, Marcuse encontra em Gottl esse movimento:

Em relação ao problema do trabalho, isso significa que o trabalho econômico (e só esse está em questão na ciência econômica) encontra-se por si próprio relacionado com uma tarefa e com um fim que já não é econômico (no sentido da satisfação de necessidades no plano do mundo dos bens)” (MARCUSE, 1998, p. 24).

Para nosso filósofo, Gottl só poderia apontar para uma conceituação ontológica pois a “demanda” estaria puramente limitada aos fundamentos econômicos, levando-se apenas a um *fazer* no mundo dos bens. Tomando a visão marcuseana, se a demanda de uma sociedade fosse de fato extinguida, perderia-se então o *fazer* do trabalho. Demonstrando a deficiência na teoria de Gottl. Marcuse vai além na sua busca pela conceituação do trabalho, não podendo a satisfação de necessidades (ou bens), contemplar o conceito que estaria ligado ao *fazer* com a objetividade além dos bens materiais.

Partindo disso, Marcuse se atém a realidade material-objetiva, levando a “*uma concretude maior do conceito de trabalho e em especial o significado de sua aplicação na ciência econômica*” (MARCUSE, 1998, p. 26). Diante dessa perspectiva, podemos indagar novamente as possibilidades de alienação e liberdade do conceito de trabalho, segundo Kellner (1984): “*Marx argumenta, e Marcuse concorda, que a vida humana sob o capitalismo é fatalmente privada de liberdade, atividade criativa, e suprime, pois, as possibilidades humanas fundamentais e distorce as necessidades humanas fundamentais*” (apud CARNEIRO, 2008, p. 73).

Por fim, ao tratar do tema da alienação e liberdade, questão fundamental do presente projeto, Marcuse engloba as duas visões - tanto a ontológica na sua aproximação com o existencialismo de Heidegger quanto a marxista após a leitura dos *Manuscritos econômico-filosóficos*. Indo em busca do lugar do trabalho na existência do *Ser* como a satisfação de suas necessidades e a condição emancipatória que levaria a liberdade através

da superação do estranhamento e a realização da essência humana. Assim, o caráter do projeto seria a busca fundamental do papel do trabalho na existência humana. Caminho que percorre Marcuse e que os questionamentos permanecem presentes, o trabalho seria alienante ou libertador? Em que medida a base marxista e a ontológica se atravessam para compreender esse problema? Quais as consequências da perspectiva para a compreensão econômica do trabalho? Eis nosso ponto de partida junto a uma análise mais detida do ensaio de Marcuse sobre o conceito de trabalho.

### 3 Objetivos

A pesquisa tem como objetivo geral a investigação do conceito de trabalho a partir do duplo aspecto apresentado por Herbert Marcuse, a saber: o trabalho enquanto alienação e enquanto libertação.

Para tanto, desdobramos a pesquisa nos seguintes objetivos específicos.

- Compreender a crítica marcuseana do conceito econômico de trabalho;
- Compreender as bases ontológicas na crítica marcuseana do trabalho, levando em consideração as aproximações de Marcuse tanto com a filosofia heideggeriana;
- Compreender o impacto dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* de Marx na crítica de Marcuse ao trabalho;
- Compreender o sentido da articulação desenvolvida por Marcuse entre trabalho e jogo.

### 4 Metodologia

Nossa pesquisa parte da leitura estrutural do texto “Sobre os fundamentos filosóficos do conceito de trabalho da ciência econômica” de Marcuse, considerando não apenas os principais momentos lógicos do texto, mas também como eles se organizam com o tema do duplo aspecto do conceito de trabalho enquanto fator de alienação e de libertação do humano. Tal leitura será articulada com os problemas de comentadores e comentadoras deste texto de Marcuse, levando em consideração as diferentes interpretações e articulações possíveis para compreender o problema de nossa pesquisa, bem como aspectos da teoria crítica marcuseana. Além disso, os resultados de nossa pesquisa e os encaminhamentos serão apresentados e discutidos em reuniões regulares com o orientador, bem como nos grupos de pesquisa que ele supervisiona ou indica. A fim de consolidar os momentos da pesquisa, cada etapa do cronograma de atividades resultará em relatórios que procuram resumir questões fundamentais e organizadoras da pesquisa.

## 5 Viabilidade

O projeto está vinculado ao grupo de pesquisa, desenvolvido e coordenado pelo orientador desta pesquisa e que tem na filosofia de Marcuse um dos eixos principais. Neste projeto, a filosofia marcuseana ocupa uma centralidade nos debates, considerando não apenas os vínculos entre teoria crítica e psicanálise, tão caros a Marcuse. Compreender os fatores alienantes e libertadores do trabalho mobiliza conceitos fundamentais debatidos pelo grupo de pesquisa e, nesse sentido, procura contribuir com suas questões.

## 6 Cronograma de atividades

Etapa 1: Crítica Marcuseana ao conceito econômico de trabalho

- a. Organização dos textos de comentadores, destacando suas principais linhas interpretativas sobre o texto de Marcuse “Sobre os fundamentos filosóficos do conceito de trabalho da ciência econômica”
- b. Sistematização do modelo geral de crítica marcuseana ao conceito econômico de trabalho.
- c. Relatório da Etapa 1

Etapa 2: Bases ontológicas da crítica marcuseana do conceito de trabalho

- a. Identificação dos principais elementos da filosofia heideggeriana mobilizados por Marcuse nesta crítica;
- b. Apresentação dos impasses da perspectiva ontológica-existencial sobre o conceito marcuseano de trabalho;
- c. Relatório Parcial.

Etapa 3: Influência marxista na crítica marcuseana do trabalho

- a. Articulação das principais contribuições dos “Manuscritos Econômico-Filosóficos” de Karl Marx para o conceito marcuseano de trabalho;
- b. Apresentação dos impasses da perspectiva marxista sobre o conceito marcuseano de trabalho;
- c. Relatório Etapa 3.

Etapa 4: A crítica marcuseana entre o jogo e o trabalho

- a. Compreensão da contribuição do conceito de “jogo” na crítica marcuseana do trabalho;
- b. Articular o conceito de jogo com a crítica marcuseana ao trabalho alienado e a possibilidade do trabalho como libertação;
- c. Relatório Final.
- d. Apresentação da pesquisa no Simpósio de Iniciação Científica

Tabela 1 – Exemplo de cronograma de atividades previstas

Etapa	Mês												
	Set/ 22	Out/ 22	Nov /22	Dez /22	Jan/ 23	Fev/ 23	Mar /23	Abr /23	Mai /23	Jun/ 23	Jul/ 23	Ago /23	Set/ 23
1.a.	X	X											
1.b.		X	X										
1.c.			X	X									
2.a.				X	X	X							
2.b.					X	X							
2.c.						X	X						
3.a.							X	X	X				
3.b.								X	X				
3.c.									X	X			
4.a.										X	X		
4.b.										X	X		
4.c.											X	X	X
4.d.											X	X	X

## Referências

CARNEIRO, Silvio R. G. “Marcuse: A Critic in Counterrevolutionary Times”. In: *New Political Science*, 2016, Routledge.

CARNEIRO, Silvio R. G. *Poder sobre a vida: Herbert Marcuse e a biopolítica*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Filosofia, 2014.

CARNEIRO, Silvio R. G. *O Discurso Ontológico e a Teoria Crítica de Herbert Marcuse – Gênese da Filosofia da Psicanálise (1927-1955)*, dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

FARIAS, Tarcisio Fagner Aleixo. *O conceito de trabalho nos manuscritos econômico-filosóficos de Karl Marx*. 2010. 119 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

FEENBERG, Andrew, *Heidegger and Marcuse: The Catastrophe and Redemption of History*, New York: Routledge, 2005.

HABERMAS, Jürgen et al. *Conversaciones con Herbert Marcuse*. Barcelona: Gedisa, 1980.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, (1927) 2015.

KELLNER, Douglas. *Herbert Marcuse and the crisis of Marxism*. Berkeley e Los Angeles, California: University of California Press, 1984.

MAAR. Wolfgang Leo. *A dialética da centralidade do trabalho*. Cienc. Cult. vol.58, no.4, São Paulo Oct./Dec. 2006.

MARCUSE, Herbert. *Heideggerian Marxism*, London: University of Nebraska Press, 2005.

MARCUSE, Herbert. *Cultura e Sociedade - vol. II*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MARCUSE, Herbert. *Hegel's ontology and the theory of historicity*. MIT Press, 1987.

MARCUSE, Herbert. “Novas fontes para a fundamentação do materialismo histórico”. In: MARCUSE, H. *Idéias sobre uma teoria crítica da sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972a [1932]. p. 9-55.

MARCUSE, Herbert. “Sobre os fundamentos filosóficos do conceito de trabalho da ciência econômica”. In: MARCUSE, H. *Cultura e Sociedade, vol. II*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p. 7-50.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital*. Tradução de Rubens Enderle, São Paulo: Boitempo, 2013.

MUSTO, Marcello. “For Karl Marx, Alienation Was Central to Understanding Capitalism.” Jacobin, 2021. Disponível em: <<https://jacobin.com/2021/12/alienation-reification-commodity-fetishism-philosophy-capitalism#:~:text=For%20Karl%20Marx%2C%20Alienation%20Was%20Central%20to%20Understanding%20Capitalism>>. Acesso em: 29 jun. 2022.

OLIVEIRA, Robespierre de. *O papel da filosofia crítica de Herbert Marcuse*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

RAMPONI, Gabriel. *O conceito de trabalho em Marcuse: interpretação do artigo Sobre os fundamentos filosóficos do conceito de trabalho da ciência econômica*, dissertação de mestrado apresentada ao PPG em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2017.

SILVA, Josué Pereira da. “Marcuse e o conceito de trabalho”. *Idéias*, Campinas, SP, v.8, n.1, p. 21-42, jan/jun. 2017.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Cia das Letras, 2004.